

**IDEIAS RELIGIOSAS
FUNDAMENTAIS
E CIÊNCIA MODERNA**



Georg Simmel

Tradutor:
Artur Morão

www.lusosofia.net





LUSO Sofia:press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *Ideias Religiosas Fundamentais e Ciência Moderna*

Autor: Georg Simmel

Tradutor: Artur Morão

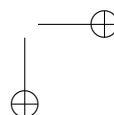
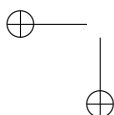
Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008







Apresentação

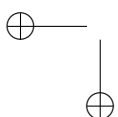
O tema da relação entre ciência e religião é, hoje, objecto de uma intensíssima reflexão, sobretudo nos países anglo-saxónicos, onde é explorado sob muitos ângulos e prismas. Essa reflexão intensificou-se nas duas últimas décadas e não dá sinais de amainar; muito pelo contrário.

O texto presente mostra que também G. Simmel, já no início do século XX, lhe não permaneceu estranho. Como sociólogo e intérprete excepcional da modernidade, procurou encarar e inserir esta questão no devir complexo da cultura ocidental, cada vez mais assinalada pela descrença e rendida à ciência.

Deixou, porém, de lado o problema do valor veritativo das proposições religiosas, rompeu com a orientação predominantemente atéista dos seus predecessores (A. Comte, E. Durkheim e outros) e arrostou o fenómeno da religião sobretudo sob o ponto de vista das representações dos homens, sem atender ao seu estatuto de realidade. Reconheceu-lhes assim um carácter autógeno e endógeno que, em si mesmo, tal como a dimensão amorosa e estética, nunca pode colidir com a atitude científica. Realçou, pois, em especial o seu poder de configuração da vida e de unificação de todas as experiências humanas no confronto com o mundo e com a realidade.

Nesse sentido vai, precisamente, este breve e denso ensaio, que nada perdeu do seu realce para o tempo actual.

Artur Morão







Ideias Religiosas Fundamentais e Ciência Moderna – uma pesquisa*

Georg Simmel

À situação actual da índole religiosa as suas dificuldades advêm-lhe da tensão que surge entre a religiosidade, enquanto ser ou necessidade interna do homem, e todas as concepções tradicionais que se lhe oferecem como conteúdos deste ser, como satisfações destas necessidades.

Que os conteúdos dogmáticos da religião degenerem em descrença não é, no fundo, o efeito da ciência, no sentido de investigação metódica e exacta de factos e possibilidades. Que um menino tenha nascido de uma virgem, que a água tenha sido transformada em vinho, que um morto ressuscite e suba ao céu – tudo isto não se tornou mais inverosímil, em virtude da ciência natural do século XIX, do que já o era, graças às experiências dos homens do século XIII. O que toma a sério a improbabilidade destes dogmas não são tanto os resultados científicos singulares, que a este respeito não se puseram propriamente em causa, quanto a atmosfera geral, científico-intelectualista da época.

Se a ciência histórica nos ensinou que o nascimento virginal do Redentor, a sua filiação divina, o simbolismo da Ceia e muitas outras coisas, segundo se diz especificamente cristãs – são um modo de representação antiquíssimo, étnico, então isso não elimina de modo algum

*[“Religiöse Grundgedanken und moderne Wissenschaft – eine Umfrage”, ex: *Nord und Süd. Eine deutsche Monatszeitschrift* 33. Jg. Heft 383, Febr. 1909; 366-369.]





o significado subjectivo, nem sequer ainda o significado religioso objectivo, dessas tradições. A conceptualidade histórica da mudança de nenhum modo impede, pois, que ela, num dos seus lugares, cuja manifestação empírica se não distingue perceptivelmente de outras, possua um sentido transcendente de todo singular – tal como, a partir do mesmo material verbal, com alterações exteriormente de todo insignificantes, se pode expressar uma ideia de todo indiferente e uma ideia infinitamente mais significativa.

Também já há muito se reconheceu que o conceito de Deus não é apreensível para a ciência. Que o complexo dos entes enquanto totalidade – do qual cientificamente conhecemos tão-só as relações das suas partes – seja criado e amoldado por uma instância englobante, que ao lado ou sob todas as energias de nós conhecidas do processo cósmico coopere ainda um factor constante, a Vontade divina, para a conservação do ser – isso não só é irrefutável, mas nem sequer é em geral tocado pela esfera dos interesses científicos.

Abstraindo de particularidades que não concernem ao núcleo do cristianismo, não há que aduzir, por meio dos resultados da ciência exacta, uma contraprova logicamente decisiva contra as tradições religiosas. Mas, como se insinuou, o espírito científico enquanto todo exclui decerto a transferência da mentalidade científica para o não investigável, a restrição de toda a realidade credível ao cientificamente provável – exclui o apego e a adesão aos conteúdos religiosos tradicionais.

Seria, porém, uma cegueira completa ter por extintas, juntamente com estes, as necessidades internas que, até agora, foram satisfeitas por tais conteúdos. Delas só é possível dizer que se podem, de modo passageiro, reduzir ao silêncio ou sujeitar a um desvio: além disso, o nosso conhecimento histórico mostra que elas mergulham, por demasiado tempo e de modo muito profundo, na raiz da natureza humana.

Por isso, uma parte extraordinariamente vasta da humanidade culta encontra-se, sem dúvida, na situação problemática de que, nela, se anunciam com poder renovado necessidades que, momentaneamente,





parecem esvanecidas em solidariedade com as suas necessidades habituais, e graças à inspecção do seu carácter ilusório – e com as quais ela se encontra agora plenamente no vazio. Hoje, ainda não se prevê como contra isso se encontrará um remédio – quando, por um lado, ainda tantos homens opinam que a vitória do espírito científico sobre os conteúdos religiosos teria igualmente eliminado as necessidades religiosas, e quando, por outro, os representantes desses conteúdos tentam afirmá-los com esforços enérgicos duvidosos e com o apoio de todas as instâncias oficiais.

Será necessário talvez, acima de tudo, discernir que a religiosidade é um ser determinado, por assim dizer uma qualidade funcional dos homens, a alguns determinando de modo pleno, noutros presente só de modo rudimentar; e que o desdobramento desta compleição em artigos de fé, na aceitação de uma realidade transcendente, terá decerto lugar na maioria dos casos, mas não está incondicionalmente ligado ao ser e à feição religiosa. Assim como a natureza erótica é erótica em todas as circunstâncias, embora seja indiferente se ela já criou, ou suscita em geral, um objecto do amor, assim também a natureza religiosa é justamente religiosa em todas as circunstâncias, e pouco importa se ela acredita, ou não, num Deus.

O elemento decisivo para o homem religioso é o modo particular como ele reage à totalidade dos conteúdos da vida, a unidade peculiar em que, para ele, se soldam todas as singularidades tanto do mundo teórico como do prático – tal como o artista responde, à sua maneira, a este ser conjunto e a partir dele elabora o seu mundo, e o filósofo, por seu turno, o faz também ao seu jeito característico. Se a religiosidade se entender assim como uma forma em que a alma humana vive e se compreende a si e à existência – uma forma, de resto, de exigências muito fortes e de ideais trans-subjectivos, como o modo de pensar mais ingénua a pretende conceber só a partir de uma legislação extrínseca – então é óbvio que não pode haver em geral nenhum conflito com a ciência.





Por ela ser também, por um lado, só uma atitude espiritual em face do mundo e da vida, a totalidade destes será, em princípio, interpretada e configurada tanto pela ciência como pela religiosidade; e as duas não podem combater-se entre si ou até simplesmente tocar-se, como no sistema de Espinosa acontece com o pensamento e com a corporalidade, porque cada um deles expressa já o ser total, cada qual na sua linguagem peculiar. Por outro lado, toda a crítica científica consegue apenas demolir as representações individuais da fé, determinadas no seu conteúdo, que o ser e a necessidade religiosa de si fazem brotar, aqui de um modo e acolá de outro.

Sem dúvida, ela fez isso na medida antes assinalada e suscita assim a perplexidade, agora dominante, do carácter religioso. Enquanto a religiosidade fabricar para si conteúdos particulares, que são de natureza genuinamente cognitiva, e cuja moldagem ela de algum modo põe em competição com o pensamento teórico, não há que esperar aqui nenhuma viragem decisiva; sobretudo não no sentido de que haja uma retirada para certas representações da religião, pretensamente últimas, mais essenciais e inalteráveis, e se deixem à crítica as suas formações historicamente determinadas e mais contingentes.

Enquanto, pois, persistirem representações de realidades concretas, objectivações do ser religioso que fora dele residem, a crítica estará sempre no seu encaço. Uma solução destas dificuldades só se deve esperar dos desenvolvimentos da índole religiosa, os quais, como se afirmou, ninguém hoje pode prever com qualquer probabilidade convincente.

Expressa sob esta ressalva, a solução parece-me depender de que a religião se descubra de novo a si na vida particular, mas imediata, que é para o homem religioso justamente o seu ser, a coloração natural e a formação da sua existência interior e exterior, em vez de ser no mundo transcendente da representação, que ela moldou a partir de si, tal como as formas puras do pensamento engendraram as metafísicas racionalistas. Nesta existência se acolhem também, decerto, todos os conteúdos

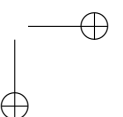


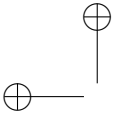


singulares em que a vida se realiza; nessa medida pode efectivamente falar-se de uma imagem religiosa do mundo.

Só que esta não contém quaisquer conhecimentos das coisas, das vivências, dos destinos, mas um arranjo seu segundo os próprios valores e necessidades, uma reacção peculiar do sentimento a seu respeito, uma doação de sentido própria, imediatamente nela vivida e encarnada. Se a religião não for uma soma de asserções, mas um determinado ser-assim (*So-Sein*) do homem e, por isso, tão-só uma caracterização e uma ordenação dos conteúdos mundanos, então ela é tão pouco refutável pela ciência quanto, em geral, se pode refutar um ser.

Ela só se torna tal quando desprende as suas imagens das coisas do ser interior substancial e se deixa solidificar num mundo de conhecimento que, de algum modo, imita as formas de pensamento da ciência e, por isso, entrará com esta na mesma competição, tal como a Igreja o fará com o Estado, quando ela se constitui segundo as formas deste.





* * *

[Nota do Tradutor]

O texto alemão original encontra-se no electro-sítio do Instituto Sociológico da Universidade de Zurique, juntamente com a quase totalidade das obras de Georg Simmel.

- [Georg Simmel Online](#)

